



UMA CASCA AROMÁTICA E VALIOSA: A EXPLORAÇÃO DE PAU-CRAVO NA AMAZÔNIA

Thaynara Alves Rosário (PIBIC/CNPq/Uem), Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: chrfausto@gmail.com
Cinthia Zúniga de Souza Donini (Coautora/Mestranda/UEM)

Universidade Estadual de Maringá / Laboratório de História, Ciências e Ambiente, PR.

Ciências Humanas / História

Palavras-chave: Pau-cravo, Amazônia, século XVIII

Resumo:

Em um momento em que Portugal dedica seus interesses às riquezas das terras brasileiras, este trabalho destaca a espécie vegetal, pau-cravo (*Dicypellium caryophyllaceum*); reconhecida no período colonial como uma valiosa Droga do Sertão. Através de uma abordagem que valoriza a interligação do homem e o meio ambiente, buscar responder questões a cerca dessa espécie, desde suas características biológicas, onde era encontrada, suas propriedades, suas utilidades. Como o homem se comportou diante dessa espécie natural e a sua importância comercial durante a colonização da região norte da América portuguesa no século XVIII.

Introdução

A ação colonizadora dos lusos no norte do Brasil, por volta de 1640, tratou de expulsar os demais estrangeiros, povoar a região do rio Amazonas e seus afluentes, visando o controle do território. Esta área, que abrange a Amazônia brasileira, era bastante cobiçada por ser exuberante e rica em recursos naturais. Já no século XVIII, a economia colonial portuguesa, na região amazônica, consistia na extração de elementos da floresta para o comércio exterior em Portugal. Os europeus conheciam esses recursos naturais, como *drogas-do-sertão*. Esses



gêneros poderiam ser, resinas, óleos, fibras, tintas, extraídos por exemplo, da copaíba (*Copaifera sp*), baunilha (*Vanilla sp*), anil (*Indigofera sp*), salsaparrilha (*Smilax sp*), cacau (*Pachura aquatica*), puxeri (*Licaria sp*) e do pau-cravo (*Dicypellium caryophyllaceum*). Grande parte da ação portuguesa colonizadora na região amazônica, durante o século XVIII, envolvia a extração da casca de pau-cravo.

Materiais e métodos

Buscamos nos apoiar em referenciais teóricos que dialogam com o contexto natural, o período colonial (século XVIII), o estabelecimento do colonizador no Novo Mundo, a biodiversidade da Amazônia e sobre a espécie *Dicypellium caryophyllaceum*. As fontes utilizadas para a pesquisa foram os relatos produzidos pelos viajantes, colonizadores, cronistas, religiosos. Os documentos e cartas trocados entre funcionários reais e a coroa portuguesa sobre a capitania amazônica. As investigações concluídas pelos estudiosos que percorreram os rios amazônicos em busca de um conhecimento científico sobre o norte da colônia portuguesa na América.

Resultados e Discussão

O pau-cravo, foi uma das drogas-do-sertão mais negociada pelos portugueses na Amazônia no último século de colonização. Desta árvore, era extraída principalmente a casca, que tinha um bom valor comercial por possuir propriedades aromáticas e gustativas bastante reconhecidas na Europa. Esta espécie da flora amazônica também era conhecida como cravo-do-Maranhão ou cravo-do-Pará. O *Dicypellium caryophyllaceum*, é uma árvore da família das lauráceas, considerada uma árvore de porte médio, com aproximadamente 20m de altura. As suas flores, bem pequenas, tem uma coloração rosa avermelhada, e bastante cheirosa. A casca de pau-cravo era uma especiaria amazônica que poderia ser utilizada pelos europeus de diferentes formas e para diferentes fins.

Nos tratamentos medicinais praticados ao longo da colonização portuguesa na Amazônia, eram bastante utilizados os óleos e os balsamos, para o tratamento de feridas. A casca de pau-cravo era um dos ingredientes primordiais para a produção de balsamos, considerados



importantes. Dentre muitos “preciosos balsamos do Amazonas”, o padre João Daniel, elegeu o balsamo de cravo como um dos principais (DANIEL, 1976, a, p. 390). Outras virtudes dessa casca são na tinturaria por exemplo (DANIEL, 1976, a, p. 435), a casca possui uma cor violeta escuro, dela poderia se tirar um material de coloração preta (CORRÊA, 1984, p. 431). O uso mais evidente para esta droga-do-sertão, seria como condimento, devido ao aroma e sabor de especiaria. A preocupação do religioso jesuíta em regular o uso de pau-cravo, demonstra que era um artigo bastante usado como tempero na Europa do século XVIII. Poderia ser em lugares remotos e afastados, canoas iam em busca de pau-cravo (FERREIRA, 1983, p.119). Para extrair a casca da árvore, os índios a cortavam, derrubavam, para facilitar tirara casca de todo o comprimento do tronco, “(...) e para melhor lhe despirem, cortam, e deitam abaixo a árvore, e no chão deitada a vão despindo; (...)” (DANIEL, 1976, b, p. 62). A casca de pau-cravo poderia ser processada de duas formas, como cravo-grosso ou cravo-fino (DANIEL, 1976, a, p. 398). Depois de processado, o cravo fino e grosso, poderiam ser comercializados diretamente do Pará com Lisboa. Um comboio de navios europeus atracava no Porto de Belém, trazendo mercadorias do velho mundo, e voltavam carregados de pau-cravo e outras drogas do sertão. (LA CONDAMINE, 2000, p. 112). As especiarias amazônicas atravessavam o atlântico para serem vendidas em Lisboa para outros lugares da Europa. Havia muitas arvores de pau-cravo na região do baixo Amazonas e afluentes, o rio Tocantins, Tapajós e principalmente o rio Xingu. O padre José Xavier de Moraes, no ano de 1749, não deixou de observar que “O rio Xingú (...). Abundão estas terras de cravo e outras drogas (...)” (MORAES, 1860, p. 505). O rio que corre paralelo ao rio Xingu, o Tocantins também foi por vezes destacado nos relatos históricos, por ser abundante de pau-cravo. Este rio tinha “muito ouro e muito pau-cravo”, dois valiosos recursos extraídos na Amazônia setecentista, e “muito gentio” (QUEIROZ, 1869, p.68). Além do rio Tocantins e do rio Xingu, foi extraído pau-cravo por diversos outros rios, Capim, Tapajós, Trombetas, Pacajá, Madeira, Moju, Cuparis, e Akiki. Durante a sua viagem pelo sertão Amazônico, José Monterio de Noronha destacou que haviam matas de pau-cravo nos rios Tocantins, Pacajá, Xingu, Curuá próximo a vila de Monte-Alegre, Tapajós, Trombetas, Akiki e Maue (NORONHA, 2006, p. 5-27).



Conclusões

O modo extrativista, do colonizador, acarretou em uma redução no número de árvores. Uma vez que se adentravam ao sertão, e derrubavam árvores para a extração de pau-cravo, dificilmente a floresta teria a espécie novamente naquele solo, “(...) e rios, cujas margens, estavam cheias de cravo, agora apenas se vê alguma amostra das suas árvores; (...)” (DANIEL, 1976, a. 397-398). Depois de três séculos, pesquisadores encontraram apenas duas populações de *Dicypellium Caryophyllaceum*, na área de ocorrência da espécie, uma em Vitória do Xingu no Pará, e outra no município de Juruti, no oeste do Estado (SALOMÃO, ROSA, 2012, p.48). O colonizador pode ter identificado, que estavam derrubando muitas árvores e diminuindo suas possibilidades comerciais tão rendosas, só não saberia que no futuro a espécie estaria em risco crítico de extinção (MARTINELLI, MORAES, 2013, p.595). Definitivamente, a atividade extrativista de casca de pau-cravo que contribuiu fortemente para que espécie se tornasse rara.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, ao acolhimento do LHC e ao CNPq.

Referências

- CORRÊA, Manuel Pio. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.
- DANIEL, João. **Tesouro descoberto no rio Amazonas**. v. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976a.
- DANIEL, João. **Tesouro descoberto no rio Amazonas**. v. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976b.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica ao Rio Negro**. Belém: Círculo do Livro; Museu Emílio Goeldi, 1983.
- LA CONDAMINE, Charles Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o Rio Amazonas**. Brasília, Senado Federal, 2000.